

Caiçaras

Quando se pensa nos 7.363 quilômetros da costa brasileira é comum fazer uma associação direta com o turismo. O país tem um dos litorais mais paradisíacos e extensos do mundo. Além das belezas naturais, as praias, enseadas e ilhas abrigam inúmeras populações tradicionais. Antes dos europeus chegarem, o litoral brasileiro era repartido por diferentes tribos: Tupis, Tamoios, Tabajaras e Caetés são alguns dos grupos indígenas que viviam na costa e foram expulsos – alguns extintos.

Atualmente, mesmo com a maior parte da faixa litorânea utilizada para o turismo e outras atividades econômicas, principalmente a portuária e a pesqueira, o Brasil ainda abriga **resquícios** de comunidade tradicional no litoral. “Os caiçaras são uma mistura de povos indígenas já extintos, europeus de diversos países e negros, principalmente quilombolas que após processos de ocupação do interior devido aos diversos ciclos econômicos do Brasil colonial, ficaram relativamente isolados nessa estreita faixa de terra entre o mar e a serra, que se estende do sul do Paraná até o centro do Rio de Janeiro”, explica Antonio Carlos Diegues, fundador do Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas em Áreas Úmidas Brasileiras da Universidade Estadual de São Paulo (Nupaub/USP).

Há, segundo Diegues, os “manesinhos da ilha”, em Florianópolis, e outras comunidades descendentes principalmente de açorianos em todo o litoral sul. Caiçaras são encontrados na maior parte do litoral sudeste e, mais ao norte, podemos encontrar comunidades mais ligadas às raízes africanas, como os jangadeiros e os balseiros, por exemplo, na Bahia e no Maranhão, respectivamente.

O isolamento, no caso, era resultante das dificuldades de locomoção para os centros urbanos. A musicista e cientista social Kilza Setti foi uma das pioneiras a estudar a cultura caiçara, nos anos 1950. Ela relata um de seus primeiros encontros com nativos: “Os caiçaras praticavam em sua oralidade o português arcaico, misturado com muitas palavras de origem indígena”, conta.

Com seus “causos”, histórias, costumes, culinária e música, os caiçaras contribuíram profundamente para a ampliação da diversidade cultural brasileira. A música popular caiçara é muito rica e fonte de estudos por todo o país. Dentro do repertório musical, os nativos constroem seus próprios instrumentos de forma muito rudimentar: rabecas, **machetes**, violas de machete e diversos tipos de tambores e instrumentos de percussão são encontrados nas comunidades, e utilizados em seus fandangos. “O povo caiçara no litoral sudeste guarda preciosas tradições religiosas e profanas. A dança da fita, congada, festa do divino, chiba, dança de São Gonçalo, entre diversas outras, são expressões culturais ainda comumente praticadas. Essas danças e músicas compõem o repertório de músicas caiçaras, o fandango”, explica Setti.

O fandango embala as noites de festejos. Ao som de uma espécie de orquestra que canta as músicas tradicionais, as mulheres agitam suas longas saias. Os homens realizam coreografias que lembram bastante a catira, espécie de sapateado comum no interior do país. Aos poucos, as crianças também entram na brincadeira e o fandango torna-se uma grande confraternização de toda a comunidade. “O fandango está profundamente ligado aos rituais agrários caiçaras, aos mutirões realizados durante a colheita principalmente do arroz, mais ao litoral sul de São Paulo e todo Paraná, e à confecção da farinha de mandioca no resto de seu território. Assim como na construção de suas casas, principalmente de pau a pique, que eram realizadas em conjunto. Primeiro se realizavam as tarefas diárias e, ao final, aconteciam os bailes e comemorações”, diz Antonio Diegues.

Os Caiçaras vivem basicamente da pesca e são excelentes construtores navais, sua embarcação preferida, as “canoas Caiçaras” são sucessoras das canoas indígenas. Antes, quando o Caiçara pretendia construir sua canoa, primeiro tinha que entrar na mata e escolher a árvore, o tipo de madeira iria determinar a qualidade da embarcação. Eram utilizados vários tipos diferentes, a mais conhecida é o cedro por ser muito resistente a ação do mar e também leve. Escolhida a árvore, o Caiçara só cortava na lua nova para evitar pragas, depois de tombada cortava todos os galhos e escolhia o lado mais largo e robusto, com maior diâmetro para a proa, geralmente próximo à raiz e a parte da copa com menor diâmetro a popa. O Caiçara passou a colorir suas Canoas e posteriormente já no Séc. XX utilizou a tinta a óleo deixando-a bem mais colorida. Hoje as canoas não utilizam mais as velas, inclusive a maioria tem até motores, mas por tradição se mantém o local delas na proa (furo no banco).

A agricultura caiçara serve como complemento alimentar dos pescadores e seu principal produto é a farinha de mandioca – consumida em quase todas as refeições – que desde os tempos imemoriais se trata de um substituto do pão europeu e, por isso mesmo, chamada de “pão dos trópicos”. Existe, ainda, uma infinidade de produtos secundários e ervas medicinais. Seus principais produtos são: mandioca, milho, cana, feijão, guandu, inhame, entre outros.

Existem duas principais relações de trabalho nestas comunidades: a pesca, que agrega toda a comunidade e a agricultura, cujos limites são exclusivamente familiares. Ademais, ainda combinam atividades de coleta, extrativismo e artesanato.

Disponível na íntegra em:

ALMEIDA, Allison; GOBI, André; RODRIGUES, Guilherme. **Caiçaras, o tradicional povo do litoral brasileiro**. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/caicaras-o-tradicional-povo-do-litoral-brasileiro/>>. Acesso em: 01 mar 2019.

Cultura Caiçara. Disponível em: <<http://www.nacaoecologica.com.br/guaruja/origem/item/152-cultura-caicara>>. Acesso em: 01 mar 2019.